



Amazônia, interculturalidade, literatura e arte: experiência a partir da obra de Sony Ferseck nos anos iniciais do CAP/UFRR

Amazon, interculturality, literature, and art: an experience derived from the work of Sony Ferseck in the early years of CAP/UFRR

Amazonía, interculturalidad, literatura y arte: experiencia basada en el trabajo de Sony Ferseck en los años iniciales del CAP/UFRR

Soraya de Araújo Feitosa¹

Professora no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista/RR, Brasil

Bruna Queiroz Ale²

Professora no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista/RR, Brasil

Laura Juliana Neris Machado Barros³

Professora no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista/RR, Brasil

Suênia Kdidija de Araújo Feitosa⁴

Professora na Escola Agrotécnica da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista/RR, Brasil

Recebido em: 28/08/2024

Aceito em: 11/11/2024

Resumo

O relato apresenta as ações desenvolvidas pela turma do 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, do Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), no Projeto de Extensão Cores e Linguagens, que elegeu como tema geral, no ano letivo de 2023, a *Literatura de/em Roraima*. O objetivo central das ações realizadas pela turma centrou-se na compreensão do conceito de interculturalidade a partir da obra da autora indígena Sony Ferseck. As ações foram organizadas por meio da abordagem qualitativa e com perspectiva interdisciplinar. Entre as estratégias didáticas, destacam-se: pesquisas, rodas de conversa, realização de oficina sobre a produção da autora, ensaio e apresentação cultural. Nas considerações finais aponta-se que as ações foram atrativas aos discentes, despertando a motivação no processo de execução e culminância e possibilitando o conhecimento de expressões artísticas e culturais de Roraima.

Palavras-chave: Projeto de extensão. Roraima. Cultura indígena. Interculturalidade. Sony Ferseck.

Abstract

This report presents the actions developed by the 5th-grade class of Elementary School, from the Application College (CAp) of the Federal University of Roraima (UFRR), in the Extension Project Colors and Languages, which

¹ soraya_feitosa20@hotmail.com .

² bruna.ale@ufr.br .

³ laurajuliananeris@gmail.com .

⁴ kdidijasuenia@gmail.com .

chose Literature from/in Roraima as the general theme for the 2023 academic year. The central objective of the actions carried out by the class focused on understanding the concept of interculturality through the work of the indigenous author Sony Ferseck. The actions were organized through a qualitative approach and with an interdisciplinary perspective. Among the didactic strategies, the following were prominent: surveys, conversation circles, workshops on the author's production, essays and cultural presentations. The final considerations highlight that the activities were engaging for the students, sparking motivation throughout the execution process and culminating in an enriched understanding of the artistic and cultural expressions of Roraima.

Keywords: Extension Project. Roraima. Indigenous culture. Interculturality. Sony Ferseck.

Resumen

El informe presenta las acciones desarrolladas por el grupo del 5º año de la Enseñanza Fundamental de la Escuela de Aplicación de la Universidad Federal de Roraima (UFRR), en el Proyecto de Extensión Colores y Lenguajes que eligió como tema general, en el año académico 2023, la Literatura de/en Roraima. El objetivo central de las acciones realizadas por la clase se centró en comprender el concepto de interculturalidad a partir de la obra de la autora indígena Sony Ferseck. Las acciones se organizaron desde un enfoque cualitativo y con una perspectiva interdisciplinaria. Entre las estrategias didácticas se destacan: investigación, círculos de conversación, realización de un taller sobre la producción de la autora, ensayo y presentación cultural. En las consideraciones finales, se señala que las acciones resultaron atractivas para los estudiantes, despertando motivación en el proceso de ejecución y culminación, posibilitando el conocimiento de las expresiones artísticas y culturales de Roraima.

Palabras clave: Proyecto de extensión. Roraima. Cultura indígena. Interculturalidad. Sony Ferseck.

Introdução

O relato apresenta as ações desenvolvidas no Projeto de Extensão Cores e Linguagens, que aconteceu no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (Cap/UFRR), no período de março a junho de 2023 e contou com a participação de docentes e discentes do colégio, residentes dos cursos de Pedagogia e Música da Universidade Federal de Roraima, pesquisadores e artistas roraimenses, além dos familiares e da comunidade externa, que marcaram presença nas ações do evento.

O projeto Cores e Linguagens adotou como Tema Geral, em 2023, *Literatura de/em Roraima*. Dentro desse tema, cada turma desenvolveu suas ações. Sob a orientação de duas professoras de pedagogia, os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental trabalharam com a produção literária de Sony Ferseck. A metodologia adotada contemplou pesquisas, rodas de conversa, realização de oficinas, declamações, ensaios e apresentação cultural.

O relato está organizado em três partes. No primeiro momento, apresenta-se a Amazônia e suas características, com ênfase no estado de Roraima; aborda-se a interculturalidade presente nesse estado e a obra de Sony Ferseck, poeta indígena da etnia Makuxi. A poeta também é conhecida como *Wei paasi*, que na língua makuxi significa *irmã em Sol*. No segundo momento, são apresentadas, metodologicamente, as ações desenvolvidas na execução do projeto. E, ao final, destacam-se os resultados.

Amazônia, diversidade e poesia

Narrada em muitas prosas, rimada em tantos versos, em seu verde, suas vidas, nas muitas histórias apagadas e esquecidas, ela resiste ao colonizador, ao que a explora sem pudor. Ela renasce a cada afago e faz viver em sua abundância aqueles que em seu chão pisam, vivendo e sobrevivendo, diariamente. Assim, no norte do Brasil, reina a Amazônia, maior bioma nacional, que se estende pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

A Amazônia é formada por uma diversidade de plantas e animais, muitos ainda não catalogados, e ocupa parte dos países vizinhos: Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. A diversidade presente na Amazônia vai além das suas características naturais, estas, junto com uma formação populacional com marcas da colonização e das migrações, têm em sua formação uma forte diversidade cultural. Cada estado brasileiro que forma a Amazônia apresenta características socioculturais particulares. Ao fazer um recorte do estado de Roraima, observa-se em sua constituição os povos originários, os colonizadores e os migrantes nordestinos, além dos migrantes de diferentes partes do Brasil e do mundo, que continuam a deslocar-se para este território em busca de oportunidades.

A história de Roraima é versada pelos silenciamentos e pelas lutas dos povos ameríndios, que nos registros do século XVIII eram formados por 28 povos que viviam às margens do Rio Branco. Atualmente, existem “[...]11 etnias divididas em 32 terras regularizadas e mais 2 em estudo apresentando as seguintes etnias: Makuxí, Wapixana, Jaricuna, Taulipáng, Ingarikó, Waimiri Atroari, Mawayána, Yanomámi, Wai-Wai, Karafawyana e Katuena” (Silva, 2019, p. 92).

Segundo dados do IBGE (2023), no censo de 2022, Roraima é o quinto estado com a maior população indígena do país, e o maior, em valor proporcional ao número total de habitantes, pois de 636.303 roraimenses, 97.330 são indígenas. Destes, a maioria é da etnia Macuxi.

A diminuição da população indígena em Roraima e a nível nacional levou ao silenciamento de muitas etnias e línguas indígenas. Segundo Melo (2023),

Tal como temos conhecimento de outras regiões nas quais se tem histórico do contato entre povos indígenas e frentes colonizadoras, o processo de incursão portuguesa nas margens do rio Branco se mostrou assaz violento. Por se tratar de uma região fronteiriça, as ações colonizadoras possuíam enfoque estratégico-militar, uma vez que a intenção era a de assegurar o domínio português nas terras amazônicas. Em razão disso, foram erguidos, além do Forte de São Joaquim, internatos e igrejas, espaços que serviram de palco para a supressão das identidades culturais indígenas, numa clara inserção imposta aos indígenas no mercado local e nacional (Melo, 2013, p. 123).

Apesar das incursões que foram feitas e das que ainda têm acontecido nos territórios, sobre as

crenças e a vida dos povos ameríndios, eles têm resistido, têm lutado por seus direitos e têm em suas histórias muitas conquistas, inclusive, a de poetizar e narrar as suas vivências em diferentes espaços dentro do estado de Roraima. Assim, aqui neste estado localizado no extremo norte do Brasil, a diversidade pulsa a partir das nossas diversas etnias indígenas; a partir dos migrantes nordestinos que começaram a ganhar espaço no final do século XIX; a partir das pessoas vindas de outras regiões do Brasil para ocupar os espaços ofertados nos serviços públicos, principalmente serviços militares e a partir dos imigrantes, principalmente venezuelanos, que intensificaram sua vinda para residir em Roraima devido à forte crise econômica que assola a Venezuela desde 2013.

Interculturalidade, Literatura e Arte em Roraima

Num bioma tão diverso de um estado tão rico em diferenças como é Roraima, é imperativo pensar e mover-se a partir da interculturalidade, principalmente quando pensadas as ações educativas escolares enquanto um direito de todos.

Nessa perspectiva, o diálogo com Candau (2012) faz-se necessário, uma vez que aborda a interculturalidade a partir de um viés que define enquanto crítico em consonância com uma ideia de multiculturalismo interativo. Nessas concepções, a educação é afirmada como um direito que só poderá ser alcançado se houver um trabalho de reconhecimento e valorização da diversidade cultural, numa nova perspectiva sobre direitos humanos e a partir da afirmação que o que se opõe à igualdade não é a diferença, mas a desigualdade.

Ao abordar o multiculturalismo, Candau (2012) afirma que existem diversas concepções sobre o termo, mas as reduz a três, que considera fundamentais: o multiculturalismo assimilacionista, que na prática escolar promove ações de universalização através de um currículo monocultural; o multiculturalismo diferencialista, que propõe ações de reconhecimento das diferenças, evitando assimilações na perspectiva da manutenção das matrizes culturais; e o multiculturalismo interativo, que “[...] acentua a interculturalidade, por considerá-la a mais adequada para a construção de sociedades democráticas que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade e reconhecimento dos diferentes grupos culturais” (Candau, p. 243, 2012). Aqui se percebe a união entre igualdade e identidade e isso é fundamental ao se pensar sobre os direitos humanos na diversidade. A partir dessa concepção de multiculturalismo interativo, a autora destaca que a interculturalidade crítica “aponta a construção de sociedades que assumam as diferenças como constitutivas da democracia e sejam capazes de construir

relações novas, verdadeiramente igualitárias entre os diferentes grupos socioculturais, o que supõe empoderar aqueles que foram historicamente inferiorizados” (Candau, 2012, p. 244). Assim, a interculturalidade na perspectiva crítica não se trata apenas de um intercâmbio entre culturas e sujeitos culturais, nem tem como foco apenas dirimir conflitos e com isso fazer a manutenção de poderes, mas busca colocar as questões conflituosas em foco, questionando as diferenças e desigualdades. Trata-se de uma sociedade que assume as diferenças para a construção da democracia (Candau, 2012).

Nesse ponto, pensar a educação intercultural crítica no contexto diverso do estado de Roraima requer um movimento de desconstrução e reconstrução no que diz respeito a perspectivas históricas, à formação docente e ao currículo escolar, por isso as manifestações artísticas culturais podem ser uma via de acesso ao outro, diverso e particular em suas identidades, que se apresenta também por meio de suas danças, músicas, pinturas, artesanatos, literatura e demais artes.

A diversidade está presente em Roraima nas diferentes manifestações culturais, que contam com grandes artistas locais que dançam, cantam, pintam, poetizam e narram a sua terra. Um exemplo disso é o Movimento Roraimeira, que iniciou em 1980 e tem como fundadores os artistas Zeca Preto, Eliakin Rufino e Neuber Uchoa que, junto com outros artistas, buscaram produzir uma arte referenciada nos elementos locais, unindo música e literatura, formando assim o que é considerado pela pesquisadora Feitosa (2014), uma produção lítero-musical.

As canções compostas pelo Movimento Roraimeira são hinos da história de Roraima, abordando a diversidade presente neste território, os diferentes falares e viveres. Como exemplos destacamos as canções: Roraimeira (composição de Zeca Preto), Makunaimando (composição de Zeca Preto e Neuber Uchoa), Cruviana (composição de Neuber Uchoa) e Tudo Índio (composição de Eliakin Rufino).

Na pintura roraimense, um dos principais nomes é Jaider Esbell, artista da etnia Macuxi. Ele também foi produtor cultural, escritor, vencedor do PIPA de 2016, o maior prêmio de arte contemporânea Brasileira, e recebeu indicação para o prêmio PIPA de 2021. Suas obras foram expostas em grandes espaços no Brasil e no exterior.

Destacamos na literatura autores indígenas que têm ganhado visibilidade nos últimos anos: Sony Ferseck e Eli Macuxi na poesia e Cristino Wapichana, autor de livros infantojuvenis premiados. Estes, junto com outros escritores roraimenses, têm produzido uma literatura que promove encontros com os povos indígenas, o que permite apontar caminhos para ações educativas sobre a diversidade cultural por meio da arte e através de uma educação intercultural.

Se defendemos que a interculturalidade é um caminho para a democracia e que só será alcançada

com a efetivação dos direitos humanos a todos, e se partirmos da ideia defendida por Candido (2011) ao afirmar que a literatura e todas as artes são direitos humanos, então não pode haver uma dissociação, pelo contrário, deve-se repensar currículos e práticas a partir da arte na/da/para diversidade, na busca da igualdade nas diferenças.

Desse modo, ao mergulhar nas produções de escritores, cantores e artistas roraimenses, chegamos à Sony Ferseck, uma mulher indígena que se pode conhecer por meio da sua poesia, a qual proporciona alcançar não apenas o eu feminino, mas também o seu lugar, seu povo e as muitas vozes de sua história. Porém, foi somente em 2010, quando tinha pouco mais de 20 anos, que Sony decidiu ir em busca do reencontro com suas origens. Em entrevista cedida para o blog *Tecido de Vozes*, da poeta e crítica literária Graça Graúna, Sony compartilhou como se deu essa caminhada:

Nasci em 1988 e desde então busco me reencontrar com meu povo, o Makuxi, aqui no Império de Wei, como chamo o estado de Roraima. Meu despertar foi longo, pois só em 2010, já na graduação em Letras na Universidade Federal de Roraima, decidi pelo reencontro e saí junto com professores pesquisadores de comunidade em comunidade conhecer mais os povos indígenas em Roraima (Ferseck *In Graúna*, 2021).

Em 2013, a jovem poeta publicou seu primeiro livro, *Pouco Verbo*, no qual apresenta alguns poemas dedicados às mulheres indígenas e aos costumes do povo makuxi. Em 2019, Sony, junto com seu marido, Devair Fiorotti, fundaram uma editora com o objetivo de publicar artistas indígenas e a batizaram de *Wei*, sol em makuxi: “Foi por isso que decidi chamar a editora que eu e Devair Fiorotti fundamos em 2019 de Wei e desde então buscamos financiar e publicar obras de artistas da palavra indígenas, como Clemente Flores, Bernaldina José Pedro e logo mais Casilda Bernardo e Caetano Raposo” (Ferseck *In Graúna*, 2021).

Em 2020, a segunda coletânea poética de Sony Ferseck, *Movejo*, é publicado já pela *Wei* Editora. Sobre o livro, o jornalista radicado em Boa Vista-RR, Luiz Valério, tece uma breve análise: “A mulher-mãe-amante-escritora-poeta-indígena-editora, muitas em uma, ela fez nascer uma obra inconfundível, de uma beleza tamanha que incomoda. Mas de um incômodo bom. Seu recém-lançado livro MOVEJO nasceu para ser grande, algo impossível de ser ignorado” (Valério, 2021).

Nessa segunda coletânea, há diversos elementos que remetem à cultura indígena, principalmente termos em makuxi e referências a costumes e tradições das comunidades. Em sua apresentação inserida no livro, a poeta assim se define:

Me reinventei como Sony Ferseck só pra poesia. Nasci em 1988. Me fiz gente (e poeta) em Roraima. Ando me fazendo indígena no meu lugar, coisa difícil e caminho duro que anos de colonização e

preconceito ainda hoje querem me negar a ser. Sou formada em Letras pela Universidade Federal de Roraima, onde também participei do Programa de Pós-Graduação em Letras na linha de pesquisa Literatura, artes e cultura regional. Duplamente feminista por causa da Amora Fiorotti, conjugação feminina do amor na língua subversiva própria do amor que eu e Devair Fiorotti tanto cultivamos um pelo outro e que tanto desejamos espalhar pelo mundo (Ferseck, 2020).

A fala de Ferseck traz indícios de uma constante busca, de uma caminhada de retorno à procura de espelhos, de identidade. Contudo, além desse aspecto da ancestralidade, podemos destacar outros elementos que circundam a jornada da poeta e que são recorrentes em sua poesia. Em sua apresentação, observamos o ressoar de diversas temáticas, como o silenciamento que subjuga os povos ameríndios e o feminismo.

A temática indígena, no entanto, somente aparece fortemente abordada no terceiro livro da escritora, *Weiyami' mulheres que fazem o sol'* (Ferseck, 2022). O livro se apresenta como uma grande homenagem à luta das mulheres indígenas. Na coletânea, além da poesia de Sony, o leitor é brindado com ilustrações da artista indígena Georgina Sarmento.

Weiyami' mulheres que fazem o sol' foi analisado pela professora e crítica literária Rita Olivieri-Godet (Universidade de Rennes 2). Em agosto de 2022, no IV SEMINÁRIO PROCAD-AM, realizado na Universidade Federal Fluminense, a professora apresentou a comunicação: *Traduções do eu, acolhimento do outro: a poesia de Sony Ferseck*. Rita destacou diversos aspectos na poética de Sony e nas conexões que a poeta construiu em seu livro:

O eu poético dedica-se a uma operação de tradução entendida como transformação estética e dinâmica, contribuindo dessa maneira para o processo de metamorfose ao qual as narrativas míticas estão sujeitas. Compartilha experiências herdadas da matéria indígena ancestral, afirmando a consciência do pertencimento e do desejo do reencontro que impulsiona o caminho da autorreconstrução antológica paralelamente ao da reconstrução identitária ameríndia. Este é o caminho escolhido por Sony Ferseck para inserir o contexto atual do movimento de renascimento das culturas dos povos originários. A singularidade na expressão da territorialização simbólica que a escrita instaura alia-se à densa carga emocional que transparece na evocação lírica do eu transpassado pelos sentimentos de amor e de dor (Olivieri-Godet, 2022).

Notamos que a professora e crítica literária também evoca a questão do caminho de volta percorrido por Ferseck na tentativa de se reconectar com sua cultura ameríndia. Sobre a linguagem poética presente em *Weiyami'*, Olivieri-Godet ressalta que existe uma “revolução permanente” e que seus poemas “recusam o lugar-comum, as fórmulas feitas e a retórica repisada” (Olivieri-Godet, 2022).

A poética de Ferseck ecoa sobretudo a ideia de acolhimento, de reconhecimento na dor do outro, mas também evoca um espaço político de resistência ao desenhar imagens da luta contra o silenciamento e a invisibilidade da mulher indígena. Seu trabalho tem conquistado espaço de circulação dentro e fora de

Roraima. O Macuxicast⁵, podcast produzido por dois jornalistas (Edgar Borges e Luiz Valério) e uma poeta (Zanny Adayralba) e dedicado a debater a cultura, a música, a literatura, as artes e o jeito de quem vive na Amazônia brasileira, enfatizou que:

[...] a poesia de Sony Ferseck vai além do acalento. É um grito de amor, de encantamento e de resistência que recebeu de herança e que ecoa desde os tempos ancestrais. Um grito encantador na voz de uma mulher escritora que sabe exatamente qual o seu lugar no mundo. Sony tem uma escrita supersônica, que quebra a barreira da indiferença. Não há como se manter passivo diante dos versos ao mesmo tempo sensíveis e fortes, românticos e profundos, modernos e atemporais. Desconcertantes até, de tão belos (Macuxicast, 2021).

Além de enaltecer a produção artística e cultural de Ferseck, o podcast apresenta uma breve descrição das temáticas presentes na escrita lírica de Sony:

[...] Ela fala por si e por todas as mulheres indígenas, fazedoras, construtoras de si, mulheres que carregam a responsabilidade de parir vidas, ser Amazonas guerreiras sendo também ternas, amantes e amadas. De sustentar o sentido do mundo com a sua coragem. A coragem de se transmutar em várias sendo uma. De não calar diante do machismo que machuca. Sony canta em seus versos as mulheres que chamam para si a missão de cuidar da memória ancestral de seus povos. A poesia de Sony é incomum, foge à normalidade morna dos dias correntes (Macuxicast, 2021).

Assim, ao abordar os poemas de Ferseck, promove-se o encontro com o outro, que em seu lirismo também é identidade, individualidade e coletividade, como nos seguintes escritos:

Quadro 1 Poesias de Sony Ferseck

<i>Nós mulheres invisíveis</i>	<i>Abandonada</i>
nós mulheres invisíveis	abandonada
aprendemos pela casa	minha anatomia se encurta
a linguagem dos cômodos	deixei-a aos pedaços por toda a cidade
apertando entre os dentes	enquanto crianças-copo tilintam fomes
nosso silêncio de sangue	tão antigas como suas etnias
empurrado pelos quartos	para vidros aborrecidos de fumê
como os filhos que teremos	mas olhos-semáforos disfarçam: - abriu!
& que nos odiarão pelo espelho	desvia! homens-papelão classificados de rua
(mas ainda assim o espelho virá)	anunciam desempregos mas bocas-gramática
nós mulheres domésticas	apontam: - olha o erro! tá escrito em outra
desaprendemos do nosso antigo nome	língua! mulheres-número mais corpos & mais
que antes dizia bicho rio sol beija-flor	culpa
pra virar água de batismo-catequese-	se empurram desiludidas para carros camas e
castigo	rua mas cabeça-sentença grita: - deve se
rima qualquer entre o som & o desprezo	vender por

⁵ Macuxicast: <https://www.roraimanarede.com.br/noticia/8436/sony-ferseck-a-forca-dos-versos-de-uma-mulher-poesia>. Entrevista disponível no Spotify: <https://open.spotify.com/episode/1QKqbJxLcEMFhx9KUchp7y>. Acesso em 03 MAR. 2023.

<p>que não grita mais a palavra deus (mas ainda sim dito) nós mulheres silenciosas muito menos parecidas com as outras vivas ou mortas guardamos entre as pedras os ossos dos homens que jamais nos predisseram assim como a eles só nos restam cantigas rupestres incrustadas nos ermos de não ir (mas que ainda sim iremos) que não se enganem toda aquela que faz silêncio guarda o intocável assim permanecemos tecendo a vida como a fibra de um ornamento uma língua de fumaça que só diz palavras de cura afiando a lâmina pela terra em luta nós mulheres infinitas. * Para as mulheres indígenas</p>	<p>gosto! desde lá deve ser puta índias-descalçadas ardidas & desbotadas de meios- dias vendem enfeites de palha mas bolsos-tempo marcam: - agora não! que coisa cara! abandonada minha alma se encurta deixei-a aos pedaços por toda a cidade fujo de nações inventadas & pergunto: em que parte de mim se localiza a fronteira? que cores tem a bandeira de minha face? estrangeira de mim peço hospedagem. * aos hermanos venezuelanos.</p>
---	--

Fonte: Ferseck, 2022.

O eu lírico do poema *Abandonada* apresenta as mulheres indígenas, migrantes, sob o sol escaldante. Um eu que é nós, invisível ou invisibilizado pela anestesia social viva nas palavras, visível nos versos. Essas mulheres têm que entrar nas salas de aula, contar suas histórias, denunciar suas mazelas, afirmar suas identidades, suas diferenças e isso é possível no ato de ler, de vivenciar a arte que parte da pré-configuração do vivido e se refaz no eu leitor. A poesia de Ferseck deixa claro que por meio das artes é possível acessar a outros lugares e pessoas, evidenciar os conflitos das desigualdades de gênero, orientação sexual, étnico-racial, entre outras.

Pelo exposto, é possível promover reflexões, resistências, transformações, no entanto, esse trabalho exige mudanças dos paradigmas educacionais, no sentido da renovação da perspectiva sobre direitos humanos, de um novo olhar sobre diferença, igualdade e desigualdade, da afirmação da arte como um direito humano e da escola como um espaço pulsante em diversidades que deve interagir, reconhecendo-se, afirmando-se, valorizando-se, enriquecendo-se mutuamente.

Delineamento metodológico

O CAP/UFRR está localizado em Boa Vista, capital do Estado de Roraima e atende alunos de três etapas da Educação Básica: Anos Iniciais, Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Os

participantes deste relato são 26 estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, com faixa etária entre 10 e 11 anos.

Devido às características descritivas e forma de análise das informações, o relato é definido como descritivo de natureza qualitativa (Sampieri; Collado; Lucio, 2012). O relato também adota a perspectiva interdisciplinar, pois contempla os componentes curriculares de Língua Portuguesa, Geografia e História através de objetos de aprendizagem que os interligam, como: leitura, produção textual, textos poéticos e valorização de outras formas de compreender o mundo, como os conhecimentos próprios dos povos indígenas.

Inicialmente, foram realizados momentos de debate com a turma sobre a Literatura Roraimense e sobre alguns artistas locais, utilizando-se de estratégia de pesquisa e socialização de curiosidades, notícias e músicas. Posteriormente, para que a base afunilasse, foi associada a compreensão cultural regional com o gênero literário estudado em sala e começamos a dialogar sobre a poesia roraimense (gênero lírico). Assim, ao pensar no que um eu lírico falaria de Roraima, quais as subjetividades seriam abordadas, chegamos à ideia de poesia sobre a terra, sobre os povos, poesia indígena. Estreitando mais a linha de pensamento, saímos da musicalidade tão apreciada pela turma, para temas próprios, confabulando com a ideia de uma poesia indígena que fale do que vemos fora da janela de casa ou do carro. Dessa forma, apresentamos aos educandos a poeta da etnia Makuxi Sony Ferseck como uma representante deste tema tão explicitado em sala. Seguindo a programação, foi encaminhado convite à Suênia Kdidija de Araújo Feitosa, pesquisadora da obra de Ferseck, que aceitou e organizou a oficina intitulada: *A mulher, o indígena e o imigrante na poesia de Sony Ferseck*. A escolha do tema e o cronograma foram apresentados aos alunos no dia 11 de maio.

Ao recordar o tema do evento, fixamos nossas ações futuras com um cronograma discutido em sala, confirmando os dias e horários das oficinas, e as apresentações artísticas para a culminância do projeto. Para o dia da culminância, combinamos de realizar uma declamação em grupo e duas individuais, ainda sem poema escolhido, pois durante as oficinas escolheríamos as poesias. Na sequência, apresentamos informações sobre a pesquisadora convidada e a poetiza homenageada como forma de despertar o interesse dos educandos.

As oficinas aconteceram nos dias 18 e 25 de maio, das 10h às 11h, na sala do 5º ano. O primeiro dia de oficina ocorreu com a análise de dois poemas: *Nós mulheres invisíveis* e *Abandonada*, ambos do livro *Movejo*. Após leitura coletiva e diálogo (Figura 1), foi promovida uma atividade de representação artística. Assim, cada aluno foi convidado a transformar em imagens o que lhe chamou atenção em cada

poema (Figura 2).

Figura 1
Leitura coletiva e diálogo



Fonte: Autoras, 2023

Figura 2
Produção de imagens



Fonte: Autoras, 2023

No segundo dia de oficina, os educandos fizeram a leitura do poema *Vou roubar as flores de Tereza* (Quadro 2), também publicado no livro *Movejo* (2020):

Quadro 2

Poema Vou roubar as flores de Tereza

vou roubar as flores de teresa! que me denunciem que me prendam que me gritem:-cortem a cabeça! vou roubar as flores de teresa! que me perdoem os canteiros & as margaridas sobre elas o sol do dia inteiro que a relva não duvide de que precisamos dela caimbezeiros tristes se conformam para feitos o amianto e o cinza multiplicam o inferno. vou roubar as flores de teresa!	talvez me afoguem de enfeitamento de vendaval me coroem a cabeça vou roubar as flores de teresa! me mastiguem pétalas me tragam histórias borbolescentes para os ouvidos inchados de asfalto e de acidentes vou roubar as flores de teresa! enquanto abanam um leque entre os dedos me acusem de louca e poeta mas vou roubar as flores de teresa & por na cabeceira.
--	---

Fonte: Ferseck, 2020

Nesse poema, Ferseck faz referência às avenidas, às praças e à orla da cidade de Boa Vista, espaços públicos bastante floridos, uma espécie de marca das gestões de Teresa Surita, que teve cinco mandatos como prefeita da cidade. Após a declamação, explicação e diálogos sobre o poema (Figura 3), os estudantes produziram cartazes ilustrando suas percepções (Figura 4):

Figura 3

Declamação e diálogo sobre o poema



Fonte: Autoras, 2023

Figura 4

Cartazes produzidos



Fonte: Autoras, 2023

Após as oficinas, no dia 30 de maio, a turma voltou a conversar sobre o tema para escolher a poesia a ser declamada, coletivamente, na culminância do evento. *Vou roubar as flores de Teresa* foi o poema vencedor. Esse poema foi dividido em dez partes, sendo nove de responsabilidade de grupos distintos e a última em uníssono. Os estudantes ainda confeccionaram flores em 3D e escolheram cores e tamanhos diversos para que no momento da declamação toda a diversidade estivesse representada. Nesta mesma aula, também foram escolhidos os poemas para declamações individuais: *Nós mulheres invisíveis* e *Abandonada*. A culminância ocorreu no dia 17 de junho com as declamações e exposição das produções discentes.

Após a culminância do evento, retornamos o diálogo sobre a poesia, fazendo uma autoavaliação do conhecimento em relação à literatura indígena e à interculturalidade. Os alunos ficaram à vontade para exposição de forma verbal. O Quadro 3 destaca algumas falas discentes referentes ao contato com a obra da artista indígena Sony Ferseck e como perceberam a interculturalidade em suas produções:

Quadro 3

Percepções discentes

“Aprendemos sobre as diferenças culturais e sobre a luta das mulheres indígenas” (E01).

“As mulheres indígenas ficam em casa, não trabalham fora, cuidam das crianças, cantam cantigas que aprenderam com seus ancestrais” (E13).

“Os ensinamentos são passados de geração em geração, através das histórias e cantigas” (E21).

“Os poemas da autora indígena me permitiram conhecer como é a vida em comunidade e que homens e mulheres têm suas tarefas diárias definidas. As mulheres ficam na aldeia, enquanto os homens saem para a

mata em busca de alimentos” (E07).

“Na cultura indígena acontecem muitos rituais de músicas e danças, esses rituais podem ser de cura, agradecimento, brincadeiras” (E23).

“A artista indígena que estudamos utiliza a poesia para escrever sobre seu povo e suas tradições” (E05).

Legenda: letra E, de estudante, junto a um número de 01 a 26 para identificação de cada aluno.

Fonte: Autoras, 2023

As observações feitas pelos alunos em relação ao conhecimento e valorização da cultura e produção indígena corroboram com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que aponta a necessidade de conhecer as manifestações culturais, enfatizando a habilidade de “Identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural, defendendo o princípio do respeito às diferenças” (Brasil, 2018, p. 393).

Considerações finais

A Interculturalidade foi trabalhada com os alunos na medida em que lhes apresentamos uma escritora da etnia Makuxi e aspectos dos costumes de seu povo, tudo isso tendo como fonte as representações literárias tecidas nos poemas da escritora Sony Ferseck. Assim, com essa metodologia, buscamos promover a compreensão e o respeito dos alunos em relação ao povo Makuxi, uma das etnias com maior população no estado de Roraima.

A partir das ações desenvolvidas, foi observado que os estudantes despertaram interesse pela obra da poeta ao se dedicarem nas produções, declamações, ensaios e apresentação no dia da culminância do Projeto de Extensão Cores e Linguagens. Mais que dedicação, os estudantes se aproximaram da cultura indígena e, sobretudo, eles se familiarizaram com as lutas diárias das mulheres indígenas, especialmente, as imigrantes venezuelanas, que saíram de seu país em busca de melhores condições de vida no estado de Roraima. Também compreenderam diferentes manifestações culturais dos povos indígenas, ao mencionarem os rituais de dança e música. Mediante os resultados, é possível indicar que o objetivo central de compreender o conceito de interculturalidade a partir da obra da poeta indígena Sony Ferseck foi alcançado.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação e direitos humanos. Campinas: **Revista Educação e Sociedade**, v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

FEITOSA, Suênia Kdidija de Araújo. **Recepção do Movimento Roraimeira**: identificação, apropriação e construção identitária. Dissertação de Mestrado. PPGL-UFRR, Boa Vista, RR, 2014.

FERSECK, Sony. **Movejo**. Boa Vista, Wei Editora, 2020.

FERSECK, Sony. **Weiyami' mulheres que fazem o sol'**. Boa Vista, Wei Editora, 2022.

GRAÚNA, Graça. **Blog Tecido de Vozes**. Disponível em: <https://gracagrauna.com/2021/05/21/a-poesia-macuxi-de-sony-ferseck/>. Acesso em: 17 de JAN. de 2023.

IBGE. **População Indígena**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=14>. Acesso em: 10 de AGO de 2023.

Macuxicast. 2021. Disponível em: <https://www.roraimanarede.com.br/noticia/8436/sony-ferseck-a-forca-dos-versos-de-uma-mulher-poesia>. Acesso em: 03 MAR. 2023.

MELO, Luciana Marinho de. A formação sociocultural de Boa Vista-Roraima e os povos Macuxi e Wapichana da Cidade: Processos históricos e sentidos de pertencimento. In: Textos & Debates: **Revista de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima**. Boa Vista, v. 1, Editora: UFRR, 2013.

OLIVIERI-GODET, Rita. Comunicação oral. **Traduções do eu, acolhimento do outro: a poesia de Sony Ferseck**. In IV SEMINÁRIO PROCAD-AM, Universidade Federal Fluminense, agosto de 2022.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. – 3.ed. – reimpr. – São Paulo: McGraw-Hill, 2012.

SILVA, Nayara Cristhina dos Santos. Conhecer a história e o modo de vida dos povos indígenas de Roraima: etnias Macuxi e Wapichana. In: **Revista Eletrônica Casa de Makunaima** - ISSN 2595-5888. Edição 3 / Vol. 2 - Nº 3 / Jan./Jun. 2019.

VALÉRIO, Luiz. **Sony Ferseck - A força dos versos de uma mulher-poesia**. Disponível em: <https://www.roraimanarede.com.br/noticia/8436/sony-ferseck-a-forca-dos-versos-de-uma-mulher-poesia>. Acesso em: 17 de Jan. de 2023.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Raiane Costa dos Santos.